

# ***A Doutrina das Cores de Goethe como capítulo no desenvolvimento da História das Ciências***

LUIZ BARROS MONTEZ\*

## **I. Goethe e o pensamento histórico**

É fato conhecido que a obra de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) avança sobre variados campos do saber. Contudo, as investigações sobre a sua relação com a história e a historiografia são relativamente tardias. Mais de um século após a sua morte, Ernst Laslowski constata, em um artigo de 1935 intitulado “O pensamento histórico de Goethe”, que a pesquisa histórica alemã

(...) voltou-se bastante tardiamente, e raramente, em termos comparativos, para o pensamento histórico de Goethe. Se excetuarmos os dois trabalhos mais antigos, que valoram a posição de Goethe mais pelo lado contedístico, de F. X. Wegele [1823-1897] e de Ottokar Lorenz [1832-1904], toda a literatura reunida sobre este tema mal passa de uma dúzia de escritos, todos surgidos nos últimos anos (apud ESENWEIN & GERLACH, 1999. Todas as traduções no artigo realizadas do original em alemão são minhas, L.M.).

As reflexões de Goethe sobre a história e sua prática como historiador da ciência despertaram dúvidas, já desde os primeiros anos do século XIX, acerca de sua utilidade para a disciplina da história. Mais de um século transcorreu, após a sua morte, até que as novas correntes historiográficas do século XX se debruçassem mais detidamente sobre a real contribuição de Goethe para a ciência histórica. Cinco anos antes do artigo de Laslowski supracitado, dividiam-se já os historiadores alemães em posições por vezes diametralmente opostas quando a discussão girava sobre *se e em que medida* Goethe teria de fato contribuído para o conhecimento histórico. Em seu livro de 1930 intitulado *A concepção da história de Goethe em suas bases*, Walter Lehmann fornece o seguinte depoimento:

A situação presente das investigações sobre a relação de Goethe com as questões fundamentais da vida histórica apresenta uma contradição de opiniões na qual todas as nuances são possíveis. Uns são da opinião obstinada de que Goethe jamais teria chegado a uma maior compreensão histórica, e mesmo de que ele – de modo quase único – interpretou de modo profundamente equivocado a trama da história. Outros afirmam a qualquer preço o contrário, e querem, assim, com disposição frequentemente exagerada, festejá-lo mais ou menos como “o precursor mais importante da

---

\* Professor Associado, Pós-Doutor, da Faculdade de Letras da UFRJ.

orientação cultural-histórica da atualidade”, rankiana ou qualquer outra, ou mesmo simplesmente como o grande historiador da natureza. Mas a maior parte fica no centro, os que, embora considerando que “ele próprio tenha pesquisado historicamente com intensidade e exatidão”, reconhecem-no somente como um “cético diante das investigações históricas” (apud ESENWEIN & GERLACH, 1999).

Há fortes elementos para se supor que a polêmica sobre Goethe e a história derive fundamentalmente da própria crise do pensamento historiográfico imediatamente anterior à emergência dos *Anais de História Econômica e Social*, de Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956).

Desnecessário é dizer aqui em que medida os *Annales* lutaram contra o factualismo e pela constituição de uma “história problema”, e a favor de uma abertura da história a outros saberes e práticas no campo das ciências sociais (Cf. DOSSE, 2003: 33-91). Antes dos *Annales*, a busca de uma – assim a chamaríamos hoje – *prática discursiva da história* mais aberta a outros saberes e campos epistemológicos dividia os historiadores, colocando-os por vezes em lados radicalmente opostos.

Algumas dessas questões encontram-se no cerne do pensamento de Goethe sobre a história; portanto, entende-se que esse pensamento tenha se tornado ele próprio objeto de disputa em meio à batalha historiográfica no período. A discussão sobre Goethe e a história se insere, portanto, na discussão mais ampla sobre o “historismo”<sup>1</sup>.

Também no Brasil a relação de Goethe com a história permanece um tema praticamente intocado até o presente momento, isto é, em termos de estudos sistemáticos sobre o assunto. Isso representa uma dificuldade a mais para quem aqui se propuser a enfrentar o problema.

Toda e qualquer investigação sobre o assunto “Goethe e a história” precisa necessariamente levar em conta esses fatos. Isto significa dizer que, pela sua natureza, a opção de estudar o pensamento histórico em Goethe representa desde o início uma tomada de posição bastante heterodoxa, se posta na perspectiva de uma historiografia

---

<sup>1</sup> O vocábulo alemão “*Historismus*” designa a maneira de interpretar os acontecimentos da vida a partir de seus dados e desenvolvimento históricos. Em *Surgimento do historismo*, Friedrich Meinecke (1862-1954) entende Goethe como a culminância desse modo de interpretação histórica (Cf. BARNER, 1990: 143). Não se deve confundir aqui o termo com a designação do movimento que, partindo já da primeira metade do século XIX ([Leopold von] Ranke [1795-1886]), teve grande força na Alemanha do início do século XX (com a “Filosofia da Vida”), e cuja teoria do conhecimento da história buscava entender as manifestações por meio da intuição e da significação (método idiográfico), ao contrário das ciências naturais, que procuravam entendê-las e explicá-las a partir de leis (método nomotético) (Cf. BERTELSMANN, 1996).

mais tradicional. Entretanto, a preocupação de Goethe com a história é razoavelmente mais incisiva do que o ceticismo enunciado pelo próprio escritor faz supor. Há, como veremos rapidamente, uma grande distância entre a sua descrença na ciência histórica e a sua própria prática eventual de historiador da ciência. Somente com base numa análise textual concreta de sua obra e de seu pensamento podemos formar uma convicção sólida acerca de sua posição no desenvolvimento da historiografia das ciências naturais como trajetória particular no desenvolvimento da História como disciplina na Europa entre os séculos 18 e 19.

Neste pequeno artigo circunscrevemos o problema ao exame de uma publicação de Goethe que reúne inúmeros textos, artigos, excertos, passagens e capítulos sobre o desenvolvimento de um pensamento científico acerca do fenômeno cromático, recolhidos por Goethe em auxílio à composição de sua *Doutrina das Cores* (1810), e que leva o nome de “Materiais para a história da Doutrina das Cores”. Sem nos estendermos mais detidamente sobre os motivos por trás da recolha desta documentação, limitamo-nos, no entanto, exatamente com base nela, a estabelecer algumas conclusões importantes acerca do legado de Goethe como historiador da ciência.

## **II. Os *Materiais para a história da Doutrina das Cores***

Em um ensaio intitulado “Goethe e o mundo histórico”, Ernst Cassirer (1874-1945) evidencia o profundo contraste existente entre a atitude otimista de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) com relação às possibilidades do conhecimento humano sobre a natureza e o total ceticismo do poeta com relação à ciência da história. Em vez da desconfiança demonstrada quanto às possibilidades da história social, claramente expressa em um diálogo com o professor e historiador na Universidade de Iena Heinrich Luden (1778-1847) em 19 de agosto de 1806 (cf. GOETHE, 1998: 81-98), Goethe demonstra grande confiança, otimismo e solidez epistemológica quando se trata do saber nas ciências naturais. Em seus trabalhos preparatórios sobre a fisiologia das plantas, o escritor chega a afirmar que, para qualquer pergunta que façamos à natureza, no fundo possuímos a sensação de que a resposta se encontra já em algum ponto possível de ser pensado. Ou seja, existe desde o primeiro momento uma espécie de garantia de que a resposta já se encerra na própria pergunta. Para Goethe, o que nós

chamamos de invenção ou descoberta é o instante em que exercemos ou colocamos em ação uma sensação originária de verdade que, após permanecer adormecida durante longo tempo desde a sua concepção, irrompe súbita e rapidamente como um conhecimento produtivo (CASSIRER, 1932: 5).

A mesma atitude o poeta/cientista assume com respeito à sua *Doutrina das Cores* e, particularmente na parte *Materiais para a história da Doutrina das Cores*, publicada em 1810. Ali, torna a pisar terra firme. Não se trata mais de lidar com testemunhos inseguros, mas com textos, tratados, assertivas cabais. O fato de Goethe ter se ocupado ininterruptamente com a história da doutrina das cores por tanto tempo, entre 1791 e 1810, torna evidente a sua crença na história da ciência. Quando lemos os *Materiais para a história da doutrina das cores* (a parte “histórica” que, juntamente com a parte “didática” e a parte “polêmica”, compõe o conjunto da obra de 1810) nos damos conta do avanço que ele representa, em termos de escrita da história, quando comparado ao pensamento historiográfico à época. Para que se entenda este avanço, é necessário um breve relato sobre as condições de seu surgimento.

Dois anos após a publicação das *Contribuições à ótica*, em 1791, Goethe pensava em formar uma associação de estudiosos que se engajassem em seu projeto da *Doutrina das Cores*. Junto a estes sábios estaria também um historiador, com a seguinte tarefa:

[Ele] separará a história da doutrina das cores da história da ótica e das demais doutrinas da natureza. Ele contará, da forma a mais neutra possível, a opinião dos antigos, as hipóteses e teorias das épocas mais antigas e atuais, e as polêmicas; ele procurará as causas morais e políticas da preponderância desta ou daquela doutrina, e acompanhará a mudança das teorias dominantes até as épocas mais recentes (GOETHE, 1988 [14]: 273).

Quando se viu na impossibilidade pessoal da execução de tal projeto, Goethe tomou a decisão de realizá-lo sozinho, assumindo assim para si a tarefa do historiador. Não obstante o seu isolamento, Goethe teve em Schiller, que ocupava a cátedra de história em Iena desde 1789 – e era profundo conhecedor da filosofia histórica de Kant – um importantíssimo interlocutor. Este diálogo com Schiller acerca da história da *Doutrina*, particularmente entre 1798 e 1799, tornou possível o amadurecimento e a cristalização do pensamento historiográfico do escritor.

O modo de Goethe conceber a escrita da sua história da ciência do fenômeno cromático cristalizou-se definitivamente entre 1798 e 1801. Entre janeiro e fevereiro de

1798, Schiller apresentou-lhe o ensaio de Kant de 1788, intitulado “Sobre os usos de princípios teleológicos em filosofia”, que contribuiu para a transformação do conceito goetheano inicial de “história”. Neste ensaio, a história transcende de simples narração ou descrição do estado atual dos assuntos humanos para uma teoria das origens e do desenvolvimento da ciência e do pensamento humano e ele distingue *história da natureza (Naturgeschichte)* da *descrição da natureza (Naturbeschreibung)*. Foi Schiller quem apresentou a Goethe a diferença, estabelecida por Kant, entre “história” como modo descritivo de escrever e “historiografia” como teoria do desenvolvimento (FINK, 1991: 77).

Em seus contatos, três anos mais tarde, entre 07 e 12 de junho de 1801, com historiadores profissionais de Göttingen como Christian Gottlob Heyne (1729-1812), Johann Stephan Pütter (1725-1807), Georg Sartorius von Waltershausen (1765-1828) e Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), entre outros (GOETHE, 1988[14]: 461), Goethe abandonará a concepção de história da ciência como uma disciplina independente, inteiramente apartada do estudo de qualquer ramo particular da ciência. Mas, ainda em 1798, Goethe considerava “extremamente necessário” (idem: 277) dividir a história da *Doutrina* em duas partes: uma *história das experiências (Erfahrungen)* e uma *história das opiniões (Meinungen)*. A primeira seria a descrição de dados empíricos, fenômenos da experiência, e a segunda a descrição das assertivas e hipóteses sobre aqueles dados. Aos poucos foi abandonando a concepção que inicialmente atribuía ao historiador a mera descrição histórica das fontes, ou a justificativa de suas próprias posições através de citações positivas ou negativas de outros autores, e passou a pleitear uma história do saber que tivesse como eixo a resposta às perguntas acerca do *que* os homens aprenderam nas distintas épocas e *como* reagiram a este aprendizado; o que interessou aos homens em todos os tempos, o que se buscou para dar conta disto e para satisfazer esta necessidade. Como resultado de sua correspondência com Schiller, Goethe passa da intenção de escrever uma história a priori, e termina por reconhecer que “a história da ciência não é necessariamente um catálogo de descobertas e teorias científicas, e sim uma narrativa sobre a busca humana por conhecimento” (FINK, 1991:82).

Os *Materiais para a história da Doutrina das Cores* formam, juntamente com a *Parte didática* e a *Parte polêmica*, a *Doutrina das Cores*. A divisão tripartite foi

anunciada decididamente por Goethe em dezembro de 1800. Mas, durante a sua visita à Biblioteca da Universidade de Göttingen, em agosto de 1801, Goethe chegou a pensar em retornar ao esquema inicial de sua história da *Doutrina das Cores*. Suas leituras em Göttingen, de obras escritas pela maior parte dos cientistas profissionais, lhe sugeriam o retorno à história “a priori”. Chegou a esboçar um esquema de história que, ao contrário do esquema anterior – que reservava um volume exclusivo para a história – dissolvia a parte histórica, transformando-a na sessão de fechamento de cada uma das três partes da *Doutrina* (teórica, polêmica e histórica). Mas voltou atrás, e sua decisão final correspondeu a uma ruptura com o esquema tradicional dos modelos de história da ciência que o poeta encontrou em Göttingen. A grande maioria daqueles historiadores da ciência lidos por Goethe preocupava-se mais com a organização das descobertas, teorias e sistemas do que com o entendimento do contexto no qual a ciência se desenvolve.

Se Goethe tivesse seguido a tradição, teria escrito uma história da ciência das cores, mas não uma história dos cientistas. Por conseguinte, não teria realizado o deslocamento intelectual que realizou: a transição da reflexão da história do fenômeno cromático para a reflexão historiográfica mais ampla. A experiência de Goethe com os historiadores da ciência em Göttingen mostrou-lhe a grande diferença existente entre os seus interesses científicos, nos processos da ciência, e os interesses dos historiadores, que, em sua maioria, limitavam-se a relatar as realizações científicas e o estado em que estas se encontravam. Goethe tomou a decisão de investigar os movimentos, as transições do pensamento científico do homem por trás da ciência.

Neste sentido, a história da ciência parecia-lhe um verdadeiro labirinto e assim ele define a tarefa do historiador em meio a este processo, num rascunho para a “Introdução” da obra, mais tarde abandonado:

Muito raramente, e isto em seus momentos mais felizes, o ser humano é levado a perceber os fenômenos em suas origens mais elementares, a exprimi-los claramente em sua fecunda simplicidade, a atribuir todo elemento complicado a estas origens e a convencer-se de que chegou aos limites do conhecimento, e que, caso seja construída uma ciência, ela tenha que repousar sobre tais grandes e simples fundamentos.

Na história das ciências e das opiniões tudo é mais imbricado do que na história política universal. Observar experiências, pensar mais ou menos corretamente sobre eles, são prerrogativas comuns de todas as nações em todas as latitudes. A história da descoberta, do desenvolvimento posterior, da utilização da descoberta tem que vaguear por todo o planeta, por ser igualmente difícil determinar a época das influências científicas. Uma bela

descoberta é feita, mas a atenção do mundo não é atraída por ela, e ela repousa séculos. Um pesquisador ainda não é famoso, mas atua em silêncio; finalmente ele é mencionado, somente então aplauso e contradição tornam notável o período de sua existência. Em contrapartida, uma doutrina pode, conforme o seu teor, sobreviver a si mesma... Experiências tomam seu próprio caminho, multiplicam-se irresistivelmente e formam em silêncio uma geração, através da qual é suplantado aquilo que foi mortal para os antigos... De que modo se vagueia tateando para lá e para cá, enquanto se tenta se apropriar do conhecimento, de que modo se tende na ciência a aceitar o mais atrasado como se fosse o mais avançado, o inferior como o superior, tal será necessário representar na *Doutrina das Cores*, que, na medida em que trata de um círculo particular, terá necessariamente a necessidade de descrever simbolicamente os destinos de muitos outros esforços humanos (GOETHE, 1988[14]: 227-278).

Goethe abandonou posteriormente este rascunho, mas na versão definitiva da “Introdução” aos *Materiais* deixa claros alguns problemas de natureza semelhante, isto é, relativos à apresentação das inúmeras personalidades científicas ou filosóficas singulares, no conjunto da exposição:

É extremamente difícil discorrer sobre opiniões alheias, especialmente quando elas se avizinham, se cruzam e se recobrem. Se quem discorre é circunstanciado, ele desperta impaciência e tédio; se quer ser conciso, arrisca a confundir a sua com a opinião alheia; se evita fazer julgamentos, o leitor fica sem saber do que se trata; se se orienta por certas máximas, suas opiniões tornam-se unilaterais e despertam contradição, e a história faz ela própria novamente histórias.

[...] Um homem que tenha vivido um tempo mais longo atravessou diferentes épocas; ele talvez não concorde consigo mesmo; ele expõe muita coisa das quais nós gostaríamos de considerar isto correto, aquilo errado; apresentar, destacar, anuir, negar tudo isso é um trabalho sem fim, que somente conseguirá realizar quem se dedicar completamente a ele e puder sacrificar a sua vida.

[...] Motivados por estas considerações, impelidos por estas restrições, nós deixamos na maior parte das vezes o próprio autor falar. [...] O leitor perspicaz conversará com cada um particularmente; nós buscamos facilitar o seu julgamento, mas não antecipá-lo. As provas estão à mão, e um espírito capaz saberá facilmente fundi-las num conjunto.

[...] Se aqui nos fosse permitido ainda uma nota divertida, diríamos que, deste modo, deixando cada autor expressar livremente tanto o seu erro quanto a sua verdade, cuida-se também dos amigos do não-verdadeiro e do falso, aos quais se cria assim a melhor oportunidade para se aplaudir o que for mais estranho e insustentável (idem: 8-9).

Do ponto de vista de uma história das ciências “a priori”, a descrição e a exposição dos fenômenos podiam ser feitas progressivamente, na sua sucessividade. Mas na história das opiniões humanas a apresentação caminha sempre para determinados pontos, para a repetição, “como numa espiral”, constatará Goethe (idem: 58). O autor irá resolver este problema expositivo com base na biografia de cada personalidade singular. Irá “deixar falar” cada autor, limitando-se, após a apresentação

biográfica de cada autor, em sucessão cronológica, a alinhar os textos, traduzidos por ele próprio ou por outros.

Não é coincidência, neste aspecto, que Goethe estivesse exatamente naquele momento da redação das três partes da *Doutrina das Cores* trabalhando com muito afinco em obras de cariz biográfico. Entre 1796 e 1797 traduziu, e em 1803 acrescentou um apêndice à biografia de Benvenuto Cellini (1500-1571), ourives e escultor italiano, sobre a qual escreveu em carta a Heinrich Meyer (1760-1832) em 18 de abril de 1796 que via “todo o século muito mais claramente através deste confuso indivíduo do que na exposição dos mais claros historiadores” (apud Dorothea Kuhn: 278). Entre 1804 e 1805, escreve a biografia de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768) e, o que nos interessa aqui de perto, começou entre 1808 e 1810 os preparativos para a redação de sua autobiografia *Poesia e Verdade*.

Pelo que escrevemos anteriormente e pelo viés totalizante do pensamento de Goethe, torna-se talvez desnecessário dizer que o seu método biográfico não se apóia numa concepção individualista. Ao contrário, o espírito de toda a história da ciência de Goethe é marcado pela consciência do trabalho coletivo, pelo diálogo entre épocas e homens distantes no tempo, de que “os homens autênticos de todos os tempos anunciam-se uns aos outros antecipadamente, indicam uns aos outros, preparam o trabalho uns aos outros”(GOETHE, 1988[14]: 100). A escolha da exposição centrada nas inúmeras biografias tem como motivação exatamente obter para o leitor o máximo de clareza quanto ao caráter coletivo e transtemporal da ciência.

É conhecido o ineditismo do tratamento linguístico e literário conferido por Goethe às suas obras autobiográficas, que as transforma em trabalhos pioneiros no gênero. Com relação à exposição biográfica contida nos *Materiais*, pela extensão do assunto seria necessário um ensaio específico para que se possa tratar com um mínimo de propriedade dos cortes cronológicos, das escolhas retóricas, da forma como o autor concebeu linguisticamente o “preenchimento das lacunas” da história, das traduções, do uso dos originais no conjunto, das inúmeras digressões historiográficas, da defesa retórica de sua tese, do tratamento dispensado a Newton etc. Contentemo-nos, por ora, em dizer que a apresentação das personalidades do mundo da ciência recebe um tratamento linguístico notável, entre outros motivos, por trazer com frequência o leitor à reflexão sobre a relação entre o conteúdo da história e a sua forma discursiva. É



radicalmente moderna, à guisa de exemplo, a sua reflexão sobre a necessidade de se reescrever a história levando-se em consideração, como diríamos na atualidade, o agir discursivo do historiador:

Que a história universal tenha que ser reescrita de tempos em tempos, sobre isto não resta mais em nossos dias nenhuma dúvida. Mas tal necessidade não surge em decorrência de que muita coisa acontecida tenha sido redescoberta [nachentdeckt worden], mas porque novas opiniões [Ansichten] são dadas, porque um contemporâneo de um tempo em progressão é levado a pontos de vista dos quais o passado [das Vergangene] deixa-se avistar e julgar de um modo diferente. Assim também nas ciências. Não somente a descoberta de circunstâncias naturais e objetos até então desconhecidos, mas também as disposições [Gesinnungen] e opiniões que se alternam e progridem modificam muita coisa, e merecem ser notadas de tempos em tempos (GOETHE, 1988[14]: 93-94).

### III. Conclusão. O sujeito como articulador da história.

Os *Materiais para a história da Doutrina das Cores* formam um conjunto de enorme extensão. A obra, tal como editada pela Edição de Hamburgo que utilizamos (Hamburger Ausgabe, 1988, vol. 14), tem a extensão de 262 páginas. Mas, na realidade, o texto que nela aparece limita-se aos comentários e análises de Goethe e deixa de lado – tomando sempre as devidas precauções para que se preserve o espírito sistemático da obra – os originais e traduções apensados à obra, que, no total, ampliam-na a tal ponto que talvez a inviabilizem enquanto projeto editorial para os dias atuais.<sup>2</sup> O conjunto compõe a história sistemática dos autores (filósofos, cientistas, pensadores e artistas envolvidos com o fenômeno cromático) e suas respectivas reflexões e pesquisas sobre as cores, desde a pré-história até a época contemporânea ao autor. Como bem registra Karl Fink, o título da obra expressa duas dimensões: a palavra “materiais” sugere uma coleção não estruturada de fontes, enquanto a palavra “história”

implica uma narração na qual os eventos do passado ganham direção e interpretação. Ambas as dimensões são representadas no título, e o trabalho como um todo é compatível com este paradoxo em sua teoria da historiografia. Com a palavra “Materiais” ele sugere que não construiu um “monumento completo”, ou formulou a história baseado em “provas matemáticas”. Com esta palavra ele enfatizou a natureza amorfa da tradição representada na obra. Portanto, o título aponta para a tradição fragmentária das tradições, e para a possibilidade de se encontrarem modelos no registro das atividades humanas (FINK, 1991: 67).

---

<sup>2</sup> No “Posfácio”, Dorothea Kuhn afirma que a extensão ocupada pelos *Materiais* na edição que utilizamos corresponde a cerca de um terço do texto original e que a parte histórica ocupa uma grande parte das cerca de vinte e cinco pastas com o material da *Farbenlehre* (KUHN: 294).

Se os *Materiais* apresentam-se, portanto, enquanto obra inacabada, não podemos daí inferir que o pensamento histórico do autor seja incompleto. O espírito da obra delineia uma metodologia muito nítida de trabalho com a documentação, e soluções discursivas ousadas para o conjunto de problemas oferecidos pela exposição do conjunto. Como os *Materiais* se articulam em torno de um campo particular das ciências e defendem uma posição, em meio à polêmica com Newton (1642-1727) sobre as origens e causas do fenômeno cromático, que veio posteriormente a mostrar-se insustentável, em termos científicos, o foco das análises empreendidas sobre a obra de Goethe desloca-se, como é inevitável, para estas questões, e a questão historiográfica é naturalmente deixada de lado. Quando separamos as esferas de saber e cotejamos os *Materiais* com o conjunto da obra literária e autobiográfica do autor, numa perspectiva especificamente historiográfica, podemos entrever que eles representam um conjunto muito significativo e ousado de reflexões que merecem uma investigação sistemática mais detalhada.

Como vimos, no âmago da concepção da história da ciência das cores de Goethe encontra-se a proposição do *sujeito* como centro articulador do discurso historiográfico. Na história das ciências, o que importa mais são as personalidades particulares dos cientistas, subordinando-se os fatos científicos às suas transformações intelectuais, ideológicas e científicas tomadas permanentemente num contexto móvel, dinâmico, dialogal, de limiares. Esta concepção revela-se igualmente como uma chave decisiva para a compreensão do monumental projeto autobiográfico de Goethe. Lançar luzes sobre este projeto equivale a avançar na compreensão não somente dos *Materiais*, sua obra magna sobre a história da ciência das cores, mas também de todo o seu entendimento acerca da escrita da história.

### **Bibliografia mencionada**

BARNER, Wilfried. “Die Trümmer der Geschichte. Über römische Erfahrungen Goethes”, in: EGGERT, Hartmut; PROFITLICH, Ulrich & SCHERPE, Klaus. *Geschichte als Literatur. Formen und Grenzen der Repräsentation de Vergangenheit*. Stuttgart: Metzler, 1990.

BERTELSMANN. *Lexikon Geschichte*. Munique: Bertelsmann Electronic Publishing, 1996.

CASSIRER, Ernst. *Goethe und die Geschichtliche Welt*. Leipzig: Verlag Bruno Cassirer, 1932.

DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. Trad. Dulce Oliveira Amarante dos Santos. Bauru: EDUSC, 2003.

ESENWEIN, J. & GERLACH, Harald. *Goethe. Zeit, Leben, Werk*. Stiftung Weimarer Klassik, 1999, Cd-rom .

FINK, Karl. *Goethe's History of Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Werke. Hamburger Ausgabe*. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1988, vol. 14.

\_\_\_\_\_. *Doutrina das cores*. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

\_\_\_\_\_. *Briefe – Tagebücher – Gespräche*. Cd-Rom. Berlim: Directmedia Publishing GmbH, 1998.

KUHN, Dorothea. “Nachwort”. In: GOETHE, J. W. *Werke. Hamburger Ausgabe*. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1988, vol. 14, p. 273-296.